

Saúde pública em debate: cartazes de protesto e espaço urbano

Kando Fukushima (UTFPR, Brasil)
kando@utfpr.edu.br

Saúde pública em debate: cartazes de protesto e espaço urbano

Resumo: O presente artigo apresenta e discute uma série de cartazes que foram registrados através de fotografias entre março e setembro de 2021, na cidade de Curitiba-PR. Através da discussão dessa produção de cartazes, objetiva-se apontar algumas das questões políticas e sociais que se destacaram neste período recente, focando em exemplos que tematizam a saúde pública. Pretende-se analisar como estes temas foram abordados nas produções desses cartazes, em relação aos seus resultados visuais e breves comentários sobre os contextos que envolvem essa produção no espaço urbano. O intuito é trazer alguns dos aspectos da produção de artefatos que evidenciam o caráter político e social das práticas e da produção de artefatos relacionados ao design.

Palavras-chave: Cartazes; espaço urbano; saúde pública.

Public health in debate: protest posters and urban space

Abstract: *This paper presents and discusses a series of protest posters that were photographed between March and September 2021, in the city of Curitiba-PR. Through the discussion of this production of posters, the objective is to point out some of the political and social issues that have stood out in this recent period, focusing on examples which use public health as a theme. It aims to analyze how these themes were approached in the production of these posters, in relation to their visual results and brief comments on the contexts that involve this production in the urban space. The intention is to bring some aspects of the making of artifacts that show the political and social point of view of practices and the production of artifacts related to design.*

Keywords: *Posters; urban space; public health.*

1. Introdução

O presente artigo apresenta uma pequena parcela da produção de cartazes que tematizam a saúde pública, apontando aspectos de crítica social presentes nos impressos. O escopo do artigo apresenta algumas reflexões sobre o tema, relacionando a produção de cartazes, as temáticas sociais e a questão sanitária.

Apesar de ser um tema de extrema importância em qualquer momento, entende-se que recentemente a pauta ligada à saúde pública tornou-se ainda mais evidente, seja pelo retrocesso de pautas ligadas à ciência e fortalecimento da agenda conservadora, seja pela pandemia de COVID-19.

A sequência de cartazes analisados é organizada enfatizando dois temas principais: um primeiro conjunto, com dois cartazes que abordam a discussão sobre o direito ao aborto, e três cartazes sobre a vacinação contra o vírus da COVID-19. A análise dos cartazes com a temática da saúde pública neste artigo descreve características da linguagem visual, conteúdo textual e aspectos de sua produção e circulação.

Os exemplos podem ser considerados materiais que constituem uma produção do design reconhecida por diversos autores. São cartazes considerados políticos ou de protesto (hollis, 2004; barnicoat, 1972; moles, 2004; meggs, purvis, 2009). Alguns dos exemplos citados de maneira mais recorrente incluem aqueles com temas antibelicistas, contestatórios dos anos 60 do século xx e os que se articulam com movimentos sociais ligados às pautas de direitos civis. Embora seja utilizado uma terminologia específica para esse tipo de produção (social, político, de protesto, etc.), criando uma distinção com a produção comercial ou estritamente de utilidade pública, os cartazes como meio de protesto, expressão política e socialização do conhecimento, são indissociáveis da história desse tipo de artefato gráfico (briggs, burke, 2004).

O fato deles não serem realizados necessariamente por profissionais ou escritórios de comunicação e design é condizente com a descrição de Hollis (2001, p.200) sobre os cartazes políticos¹: “Sua produção não dependia da indústria gráfica nem de designers profissionais. O indivíduo podia agora criar a mensagem e controlar seus meios de produção”.

Além da perspectiva ligada à produção de cartazes, podemos também refletir sobre a própria constituição do espaço urbano e sua relação com o design. Junto com a comunicação visual institucionalizada, interagimos com diversas apropriações realizadas pela população. São, portanto, um espaço político, de tensões e negociações ligado a olhares diversos, em disputa. Por este viés, cito a discussão de Lucrecia D’Aléssio Ferrara, acerca da comunicação (verbal e não-verbal) no espaço urbano. Segundo a autora:

1 O termo utilizado na tradução do livro é poster político.

A compreensão do ambiente urbano como sistema de signos supõe admitir o usuário como força que interfere no ambiente pelo uso que faz dele, admitir que esse uso é um modo de agir criticamente, impondo a transformação do próprio ambiente supõe admitir que os aspectos puramente técnicos da cidade construída para a sociedade de consumo podem se converter, pelo uso, em instrumentos de crítica (FERRARA, 1988, p.54).

Considerando os conceitos de “espaço” e “lugar” pelo viés de Michel De Certeau (2004, p.201-202), estamos analisando neste artigo os cartazes que estão no “espaço” urbano. O espaço é para o autor aquele que é ligado às práticas, em constante transformação, diferentemente dos “lugares”. Os lugares são estáveis e institucionalizados. É no espaço, ou o “lugar praticado”, nos termos do autor, que as pessoas se apropriam, interagem e questionam os problemas sociais e se envolvem politicamente, sendo a contestação e a crítica também uma prática do cotidiano.

Os cartazes a seguir foram registrados na região central da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, durante um curto intervalo de tempo, entre março e setembro de 2021. Corresponde a um período que ainda havia bastante restrição nos deslocamentos, ao menos para a parcela da população que poderia se manter em isolamento, por conta da pandemia de COVID-19. Embora sejam apresentados e discutidos apenas cinco cartazes, no mesmo período e local era possível verificar a existência de vários artefatos gráficos com viés contestatório. O tipo de cartaz fotografado neste artigo é comumente encontrado fixado em postes, caixas de luz ou sobre suportes de publicidade do mobiliário urbano e são comumente chamados de lambes ou lambe-lambe.

Os exemplos selecionados, além de serem todos relacionados tematicamente pela saúde pública, possuem um caráter contestatório e incluem algum tipo de assinatura, sendo possível vincular a algum coletivo ou movimento social. A escolha desses materiais especificamente foi pautada pelo objetivo de apresentar uma parcela da diversidade de movimentos sociais envolvidos no debate sobre saúde pública, assim como diferentes abordagens para a produção e circulação desses materiais gráficos.

Embora seja comum termos acesso às imagens de cartazes através de livros e pesquisas em meios eletrônicos, os registros de campo colaboram na percepção de outros aspectos da circulação desses artefatos gráficos. Com os registros sendo feitos pelo próprio autor, é possível determinar o local e data, além de algumas das circunstâncias do entorno, sempre considerando a efemeridade desse tipo de cartazes, que poderiam ser arrancados ou sobrepostos repentinamente.

2. Direito de decidir

Assim como nas peças de comunicação tradicionais, as mensagens instigam, trazem ao debate diversas questões que podem ter continuidade em uma temporalidade diferente. As assinaturas de um cartaz podem indicar um coletivo de artistas, que podemos investigar posteriormente, ou o chamamento para uma passeata, por exemplo. Nesse processo, a articulação com outras formas de comunicação, como as redes sociais digitais, pode engajar os transeuntes que se interessaram pelas peças gráficas em novos desdobramentos. O primeiro conjunto de cartazes a seguir demonstra esta possibilidade.

As fotos das figuras 1, 2 e 3 foram tiradas no dia 29 de setembro de 2021, na Rua Amintas de Barros, na região central da capital paranaense. Todos os cartazes fazem parte de um mesmo conjunto e são identificados por “@basurasss”. Esta assinatura simplificada é o suficiente para uma pesquisa em mecanismos de busca digitais, o que possibilitou a coleta de mais informações sobre a ação.

Embora o assunto principal tenha relação direta com a saúde pública, não tematiza diretamente a pandemia. São cartazes que reivindicam o direito ao corpo, à legalização do aborto.

A figura 1 mostra uma estrutura bastante utilizada para este tipo de cartaz, onde é possível verificar diversas camadas de cartazes tipo “lambe” colados um sobre os outros. Ela fica na frente do prédio da reitoria da Universidade Federal do Paraná, onde normalmente possui um grande fluxo de pedestres, tanto da comunidade acadêmica quanto de outros transeuntes por sua localização central, próxima de bancos e hospitais.



FIGURA 1. Estrutura com diversos cartazes. (fonte: foto do autor, 2021)

Neste dia, ela estava quase que totalmente ocupada por cartazes da mesma ação, “Direito de decidir”. A distribuição desses cartazes não se restringiu a

esse lugar especificamente, sendo possível encontrar mais exemplos dessa ação algumas quadras de distância deste local.

Na figura 2, o cartaz, colado na estrutura citada anteriormente, apresenta a configuração básica dos cartazes dessa ação. Nele podemos ler “Aborto é saúde pública”, ao lado de uma ilustração bastante estilizada de uma planta do tipo suculenta. As letras parecem ter sido desenhadas com pincéis, de forma manual, assim como o desenho. Essa manualidade sugerida destaca um aspecto pessoal, humano à mensagem. Ao vincular o tema com a saúde pública, nos lembra da abrangência e importância das questões ligadas ao corpo, para além da COVID-19.



FIGURA 2. Cartaz “Aborto é saúde pública”. (fonte: foto do autor, 2021)

Um elemento visual unificador dos diversos cartazes dessa ação é a tarja preta na base do cartaz, onde podemos ler a assinatura da coletiva, indicando o endereço na rede social digital Instagram e os dizeres “Aborto legal seguro e gratuito”.

Para exemplificar a diversidade de linguagens visuais utilizadas, a figura 3 mostra um trabalho onde a linguagem da colagem fotográfica é utilizada como elemento principal. Nela, uma mulher nua, possivelmente representando uma mãe, segura no colo um bebê, que possui uma máscara em seu rosto. A máscara parece ser feita com uma trama manual. No braço esquerdo da mulher lemos “NEM MORTA” e no braço direito que apoia a criança, “NEM PRESA”. As frases fazem alusões tanto aos aspectos clínicos pouco seguros que muitas mulheres se submetem em procedimentos abortivos, quanto aos riscos da punição legal.

Além dessa grande mudança na técnica visual, destaca-se também que na base identificamos a autora deste trabalho especificamente, Bruna Alcântara, além das outras informações padronizadas citadas anteriormente.



FIGURA 3. Cartaz “Nem morta, nem presa”. (fonte: foto do autor, 2021)

A ação de colagem e distribuição dos cartazes nas ruas, foi realizada no dia 28 de setembro, de acordo com indicações apontadas na pesquisa no perfil do Instagram da coletiva². A escolha da data em si, 28 de setembro, é a do “Dia de luta pela descriminalização e legalização do aborto na América Latina e Caribe”. Esse aspecto de colaboração internacional com a temática feminista é constantemente reforçado em diversas postagens e na própria descrição da “coletiva latinoamericana”. Ainda na descrição do perfil do Instagram (“@basurasss”) podemos ler que “produz conteúdos a partir de uma perspectiva feminista e anticapitalista de assuntos diversos como meio ambiente, política, corpos dissidentes, autonomia popular, direitos humanos entre outros”.

2 Embora seja comum nos referirmos a esse tipo de organização como “coletivo”, com a inflexão masculina, a Basuras reforça o termo “coletiva”, no feminino, adotado no texto.

Destacam-se duas etapas anteriores importantes: uma chamada aberta para contribuições de artes para os cartazes e posteriormente a disponibilização dos arquivos digitais através de um link aberto com arquivos para serem impressos.

A chamada para a ação em 2021 ocorreu no dia 01 de setembro (figura 4), convidando as seguidoras do perfil na rede social a enviarem imagens para serem utilizadas como matrizes digitais para a impressão dos cartazes, sem restrições quanto à formação ou experiência na produção de cartazes. Uma breve lista abaixo da chamada aponta algumas possibilidades, como o uso da fotografia, ilustração, colagem, texto, frase ou poesia.



FIGURA 4. Postagem no Instagram com a chamada aberta para a produção de cartazes. (fonte: basuras, 2021)

Com as instruções para envio, realizadas através de uma conta de correio eletrônico, a data limite era dia 13 de setembro. A postagem deixava claro o objetivo e as formas de usos posteriores da imagem, como matriz de impressão a ser distribuído em impressão em formato de papel A4 em preto e branco ou contendo tons de cinza, próprio para impressões domésticas ou utilizando fotocopiadoras comuns, e a produção de um “zine digital coletivo”. Além disso, tínhamos a explicação da escolha da data em si:

28 de setembro é o dia de luta pela descriminalização e legalização do aborto na América Latina e Caribe e pra somar na visibilidade de uma data tão importante para a vida e autonomia de nossas corpes, estamos fazendo essa CHAMADA ABERTA PELO DIREITO DE DECIDIR (BASURAS, 2021, grifo das autoras).

A etapa de distribuição dos arquivos de cartazes foi realizada em uma postagem na mesma rede social do dia 22 de setembro de 2021. O link indicado na rede social nos leva a uma página com várias outras informações sobre a coletiva, além de um novo link com os arquivos dos cartazes em si, disponibilizados em formato de imagem.

Na pasta virtual com os cartazes, encontramos também um guia com instruções para a realização das colagens com informações de segurança, como uso de máscara e álcool em gel, dicas para escolhas de locais adequados para fixação dos impressos e uma receita para a produção de cola típica para essas ações.

De acordo com uma entrevista com a artista, ativista e designer Bea Lake (LAMBESBRASIL, 2021), a coletiva teve início em 2018, uma parceria com a jornalista Gabriela Giannini, em Curitiba, durante iniciativas ligadas a protestos na rua, colagem de lambes e produção de fanzines. A coletiva Basuras, no entanto, reforça em seus textos o caráter colaborativo, ressaltando diversas parcerias, adequadas aos diversos projetos que elas desenvolvem.

3. Não tem vacina porque ele não comprou

O mobiliário urbano para publicidade é o suporte para o cartaz da figura 5. A maioria dos materiais gráficos de publicidade e propaganda na paisagem urbana utilizam esses suportes do mobiliário urbano, administrados em Curitiba pela Clear Channel desde 2003, uma das maiores empresas de mídia externa do mundo.

Os investimentos necessários para a utilização desses suportes de forma oficial, na prática, permitem seu uso quase exclusivo para a publicidade de grandes empresas e propaganda de estado, com eventuais utilizações para informações de utilidade pública. Este último uso foi recorrente durante a pandemia, com a queda do número de anunciantes em mídias do tipo OOH (Out of Home)³.

No final de 2021, o Brasil era o segundo país com maior número de mortos pela COVID-19 em números absolutos e oscilou entre os 9º e 11º lugar dentre os piores países em números relativos por habitante⁴.

A abrangência das questões que envolvem epidemias e pandemias é tema recorrente para pensarmos nas desigualdades sociais com outros processos econômicos, culturais e étnico-raciais. A Organização Mundial da Saúde, aponta de forma clara no documento “Diminuindo diferenças: a prática das políticas sobre determinantes sociais da saúde: documento de discussão”, de 2011, tais relações. Neste documento (OMS, 2011, p.8), diversos aspectos conjunturais são destacados:

- 3 De acordo com o relatório da CENP (Conselho Executivo das Normas-Padrão), que reúne diversas entidades da área de publicidade (CENP, 2020).
- 4 Segundo os dados do Our World in Data, que utilizou dados de 216 países para a contabilização do número de mortes. A informação sobre número de países consta em <<https://github.com/owid/covid-19-data/tree/master/public/data>>

A abordagem dos determinantes sociais reflete o fato de que as iniquidades em saúde não podem ser combatidas sem que as iniquidades sociais também o sejam. Para que a economia permaneça forte e a estabilidade social e a segurança global sejam mantidas, é essencial que ações coordenadas em prol da saúde sejam implementadas.

Se é possível verificar um interesse público e grandes esforços em conter a expansão das doenças, é também importante verificar as contradições, interesses políticos, econômicos, culturais e sociais dessas iniciativas. Os exemplos de cartazes registrados durante a pandemia, demonstram essa relação direta entre as questões sociais e econômicas, com a questão sanitária. Existe, de fato, a constatação de que a maioria dos indicadores sociais se agravou, com aumento da pobreza, situação trabalhista precária e intensificação da vulnerabilidade social (SILVA, 2021).

Neste exemplo, o cartaz é colado sobre um desses suportes, em um ponto de ônibus na Praça Santos Andrade no dia 04 de julho de 2021. O cartaz possui uma diagramação toda centralizada, com letras em caixa alta, utilizando duas tipografias diferentes, todas sem serifas, para dar destaque à palavra “vacina” e depois às palavras “ele não”.



FIGURA 5. Cartaz “Não tem vacina porque ele não comprou”. (fonte: foto do autor, 2021)

Ao destacar as palavras “ele não”, identificamos uma associação com um movimento liderado por mulheres, que se opunham ao então candidato do PS� à presidência do Brasil. O texto do cartaz nos lembra que houve resistência e denúncias antes das eleições, e agora, com o fato consumado, e o candidato eleito, consequências de uma gestão desastrosa durante a pandemia. Essa vinculação textual com a campanha do período eleitoral de 2018 enfatiza o aspecto contínuo da discussão política associada com a produção de cartazes de protesto.

A frase “ele não comprou” possivelmente se refere ao fato de que o governo federal não respondeu a dezenas de emails com tentativas de negociação de venda de vacinas (agência senado, 2021), inclusive com ofertas de valores pela metade do preço oferecido em outros países, confirmado em depoimentos e documentos em maio de 2021. Embora não seja possível estabelecer um número exato, é certo de que o atraso no início da vacinação acarretou em mortes de muitas pessoas no país.

Na data em que foi registrada a foto, a CPI da Pandemia estava prestes a ser prorrogada, diante de um enorme volume de denúncias e relatos a serem investigados. O relatório final dessa Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado foi publicado apenas em 26 de outubro de 2021⁵, mas pela ampla cobertura midiática, foi possível acompanhar as principais denúncias apresentadas. Segundo este relatório, “foram 81 correspondências da Pfizer ao governo brasileiro, enviadas de 17 de março de 2020 a 23 de abril de 2021, das quais 90% não obtiveram respostas (SENADO FEDERAL, 2021, p.213).



FIGURA 6. Logo do coletivo “Subverta” (fonte: coletivo subverta, 2021)

Na base do impresso podemos ver a assinatura do coletivo “Subverta”. Por não ser uma sigla, sendo uma palavra com significado claro, o nome pode ser confundido com a própria mensagem do cartaz. A marca do coletivo utiliza uma tipografia com características caligráficas e possui como

5 O relatório completo possui 1288 páginas e pode ser acessado na íntegra em <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

símbolo uma flor, que ao invés de pétalas possui um punho cerrado, imagem recorrente nas mobilizações sociais de (figura 6).

Este coletivo se descreve como Ecosocialista e Libertário e possui atividades em diversas cidades do Brasil. Em seu manifesto, aponta objetivamente sua filiação com um partido político, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

4. Vida, pão, vacina & educação

O cartaz da figura 7 foi registrado no dia 30 de março de 2021. Na época, aproximadamente um ano depois do início da pandemia, por volta de 8% da população brasileira tinha tomado a primeira dose. Ainda que o Brasil tivesse uma boa infraestrutura e a maioria da população estivesse disposta a vacinar, vale mencionar que países como os Estados Unidos tinham, na mesma data, 32% da população com a primeira dose e alguns outros países, embora bem menos populosos, estavam também bem mais adiantados, como Israel que tinha 57% da população vacinada na mesma época e Chile, com 35% (OUR WORLD IN DATA, 2022).

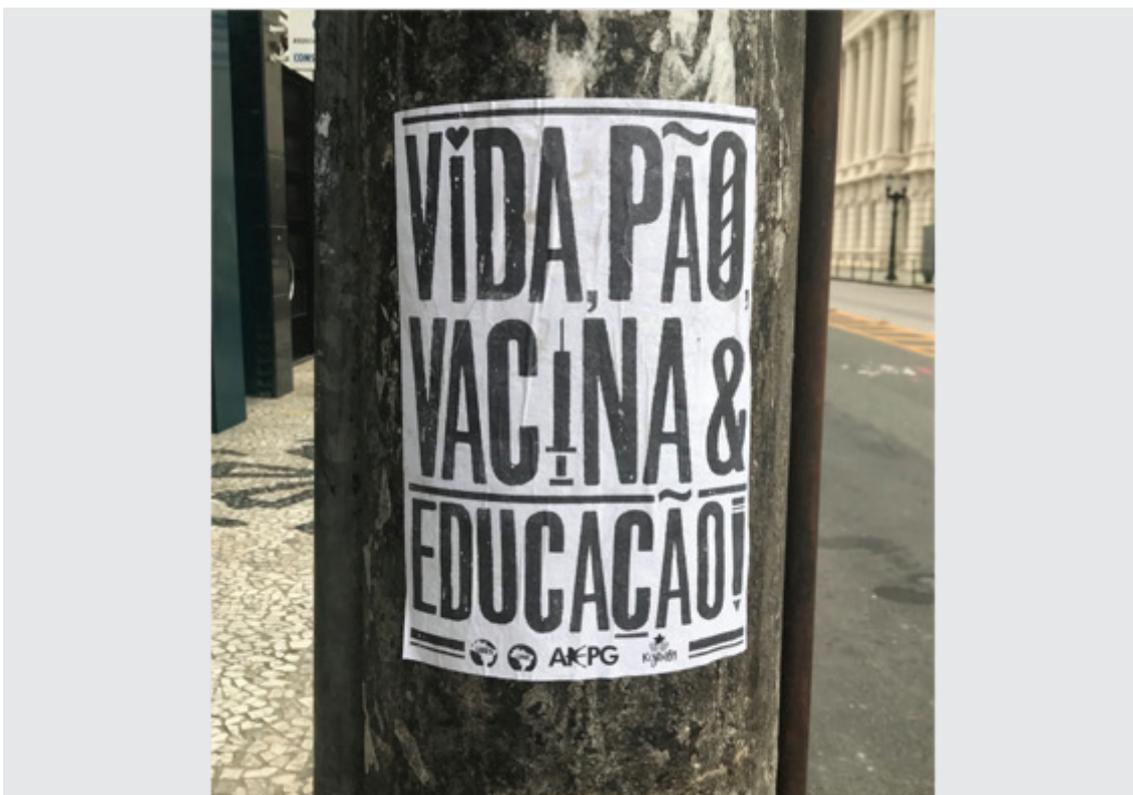


FIGURA 7. Cartaz “Vida, pão, vacina & educação”. (fonte: foto do autor, 2021)

No texto do impresso, colado em poste da Rua Presidente Farias, observamos a associação de ideias muito abrangentes, mas relacionadas. A valorização de um conceito de “vida” é algo que ganha um sentido específico,

ao considerar discursos recorrentes de minimização da tragédia. Por exemplo, comentários lamentáveis como “chega de frescura, de mimimi, vão ficar chorando até quando?”, feitos no início de março de 2021⁶. Na mesma ocasião, outras medidas de profilaxia, além da vacinação foram questionadas.

O pão evidencia o aspecto econômico da pandemia, que agravou as tendências de precarização social, sendo a insegurança alimentar e a fome os aspectos mais evidentes. Em um estudo sobre o assunto realizado durante a pandemia, entre agosto e dezembro de 2020, 59,4% das pessoas estavam em situação de insegurança alimentar, sendo que 15% em estado grave⁷.

A vacina é a ação de profilaxia mais efetiva no contexto da pandemia. No início de 2021 ainda existia muita resistência ao uso da vacina e questionamentos sobre sua eficácia. Destaca-se o fato de que as doses disponíveis ainda eram muito escassas e as pessoas mais jovens ainda esperariam meses para serem vacinadas.

Finalmente, o termo “educação” é mencionado em destaque, diante de diversos desafios desse tema na pandemia. Podemos apontar a escassez de recursos e infraestrutura, constatados pela queda de inscrições no ENEM, dificuldades de acesso às aulas por falta de internet e as adaptações exigidas com poucos subsídios para os docentes.

O cartaz é assinado por entidades estudantis e faz parte da “Jornada de Lutas da Juventude”, que possui outras formas de divulgação da campanha como sítios eletrônicos e perfis em redes sociais, sendo que o arquivo do cartaz foi distribuído digitalmente, no formato PDF.

No sítio eletrônico da UBES (UBES, 2021) podemos ler um resumo das reivindicações da campanha dos estudantes:

Exigimos vacina urgente para toda a população, condições para as famílias se alimentarem, auxílio emergencial justo, direito à vida e ao conhecimento. Não aceitamos perder uma geração para a evasão escolar, a desesperança, a fome e o subemprego. Nosso caminho é por VIDA, PÃO, VACINA E EDUCAÇÃO.

6 A fala foi feita pelo presidente no dia 04 de março de 2021, na cidade de São Simão, Goiás. Ela pode ser vista em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZpZg5A8U748>> Acesso em 02 de abril de 2022.

7 O IBGE considera insegurança alimentar grave quando “redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, ou seja, ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre todos os moradores, incluindo as crianças. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida no domicílio” (IBGE, 2020, p.22).

Na base do cartaz, em sequência da esquerda para a direita, temos as marcas da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG). Nesta versão especificamente ainda encontramos a marca do “Kizomba”, um coletivo estudantil, acrescido para esta distribuição.

Visualmente, o cartaz é impresso em uma única cor, preta, em um papel sulfite comum, no tamanho A4. Essa limitação de recursos gráficos pode ser considerada bastante prática, por facilitar a impressão de forma doméstica ou ser fotocopiada por um custo relativamente baixo. Apesar do tamanho não chamar tanta atenção para quem está de carro, por exemplo, é adequado para colar em postes de diâmetros pequenos, por podermos ver a mensagem inteira de uma vez só nesses suportes, sem precisarmos circular diante do cartaz. É possível encontrarmos em buscas online versões deste material impressas em papéis coloridos, que atribuem mais destaque visual, mas não foi possível fotografar nenhum exemplo para esta pesquisa.

As letras em caixa alta, garrafais, sempre possuem alguma interferência, reforçando o significado das palavras. Na palavra “VIDA”, um coração substitui o ponto do “i”, em um artifício visual que também substitui exclusivamente esta letra para sua versão em caixa baixa. Além do coração possuir uma associação simbólica com a palavra em si, por representar de forma estilizada o órgão humano, é também um símbolo de afeto, a antítese do discurso mencionado anteriormente. A letra “o” de “PÃO” possui listras diagonais que remetem aos sulcos que encontramos em baguetes. A escolha de uma tipografia condensada facilita a associação. Em “VACINA”, o “i” é substituído pelo desenho esquemático de uma seringa, e, finalmente, em “EDUCAÇÃO!”, o ponto de exclamação é o desenho de um lápis. A última palavra também ganha destaque por ter uma linha na altura do sinal diacrítico “til”, que separa a palavra das outras, enfatizando sua associação com o movimento estudantil.

5. Revolta da vacina

Este exemplo é novamente ligado ao movimento estudantil, mas suas características visuais, tais como a cor e o destaque para a imagem, são bem diferentes do exemplo anterior. A campanha “Revolta pela vacina”, aparentemente, foi promovida junto com a do cartaz anterior, fazendo parte dos resultados da “Jornada de Lutas da Juventude”. Esta, no entanto, está atrelada a uma entidade específica, a União da Juventude Socialista (UJS), que embora tenha vinculação ao movimento estudantil, representa uma categoria mais abrangente, com uma proximidade partidária mais específica. Em seu estatuto consta o termo “organização juvenil” e não exclusivamente estudantil.



FIGURA 8. Cartaz “Revolta da vacina”. (fonte: foto do autor, 2021)

A foto da figura 8 foi tirada no dia 23 de junho de 2021, na rua Alfredo Bufren. Apesar do avanço na vacinação, os jovens de 19 e 18 anos só começaram a ser vacinados em Curitiba a partir de setembro de 2021 (CURITIBA, 2022).

Este cartaz, diferentemente do anterior, foi impresso em offset, colorido e em formato maior. Na base do cartaz, além da assinatura da UJS, temos um QR code que direciona para o sítio eletrônico da campanha (<https://revoltapelavacina.ujs.org.br>), que possui algumas poucas informações sobre as atividades realizadas.

O título da campanha faz referência anedótica ao episódio de resistência à vacinação de 1904, no Rio de Janeiro, conhecida como “Revolta da Vacina”, diferentemente dos paralelos mais recorrentes com as questões sanitárias do período da Gripe Espanhola (1918-1920) com a pandemia atual. Não mais a revolta “da” vacina, mas “pela” vacina. Ao contrário do levante da primeira década do século xx, a mobilização da campanha mais recente é a favor da vacinação. Rodrigues Alves, presidente da república na ocasião, ao contrário do atual, estava articulando um movimento de vacinação em massa, com a implementação da obrigatoriedade da vacinação contra

a varíola, cuja lei foi votada em 31 de outubro de 1904⁸ e regulamentada logo em seguida, em 9 de novembro, com orientação do médico Osvaldo Cruz, diretor de Saúde Pública.

A revolta popular foi fomentada por ambições políticas e desinformação. Dentre os paralelos curiosos, cito a divulgação do falecimento de uma mulher que foi atribuída à vacinação antivariólica, em julho de 1904, antes da obrigatoriedade da vacinação, e que foi amplamente divulgada causando um grande abalo na opinião pública (SEVCENKO, 2018, p.22). Em 20 de janeiro de 2022, uma criança em Lençóis Paulista, no interior de São Paulo, sofreu uma parada cardíaca após ser vacinada contra a COVID-19. Apesar do parecer conclusivo que garante que não existe relação causal entre a vacinação e o episódio cardíaco, a visita inédita da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos juntamente com o ministro da Saúde a uma criança enferma parecia demonstrar o apoio a uma forte mobilização contra a vacinação de crianças de 5 a 11 anos, promovendo dúvidas e receio, mesmo dentro do governo federal. O próprio presidente da república tinha feito uma ligação para a família da criança. A vacinação tinha sido iniciada em 14 de janeiro de 2022 e foi devidamente avaliada e autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) desde o dia 16 de dezembro de 2021.

No cartaz podemos ler o título da campanha em arco, “revolta pela vacina”, escrita com uma tipografia e composição que nos remete aos cartazes do final do século XIX e início do século XX. Em uma flâmula, na parte de baixo, lemos “uma campanha da juventude pela vacinação e pela defesa da vida”, com as letras como se estivessem escritas em uma flâmula, com ondulações na diagramação. O restante da composição utiliza repetições, distorções e transparências, provavelmente realizadas com técnicas digitais.

As cores principais, além do preto, são o amarelo e o verde. A imagem principal mostra o desenho estilizado de um punho cerrado, imagem amplamente utilizada como símbolo de resistência e luta, que carrega uma seringa. Ao seu redor, imagens em alto contraste de pessoas em manifestações, uma delas com um megafone. Gotículas de tinta estão representadas no impresso, sugerindo um grafismo realizado de forma manual, com urgência.

6. Considerações

Os cartazes constituem uma modalidade ainda importante de manifestação pública de protesto e mobilização social. Mesmo considerando um recorte

8 A íntegra da Lei nº 1.261, de 31 de outubro de 1904 está disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>> Acesso em 03 de Abril de 2022.

temporal curto, de março a setembro de 2021, e apenas alguns poucos exemplos, podemos verificar a persistência e variedade de materiais gráficos de protesto durante a pandemia. O esforço aqui é o de demonstrar na constituição da paisagem urbana, através de peças gráficas, alguns dos grandes temas da saúde pública sendo abordados de maneira crítica.

Mesmo que de forma sucinta, restrita ao tipo de linguagem recorrente em cartazes, com poucas palavras, podemos observar que as questões da vacinação no contexto pandêmico foram associadas com dificuldades econômicas e temas ligados à educação, além das questões estritamente ligadas à saúde.

Observamos a transversalidade dos temas ligados à saúde com clareza nos cartazes, seja com aspectos econômicos como no cartaz “Vida, pão, vacina & educação” ou com discussões de gênero na produção da Basuras.

Muitos cartazes, chamados de lambes de protesto, possuem uma distribuição on-line anterior e posterior à circulação nas ruas, como aqueles que são mediados por redes digitais como Instagram. É possível identificar uma noção próxima de “espaço” nos meios de circulação digital, considerando o conceito apresentado por De Certeau (2004). As imagens distribuídas pelas redes sociais são impressas, coladas nas ruas, e voltam, através de registros fotográficos para a circulação no meio digital. As imagens desses cartazes se deslocam de seus suportes iniciais, evidenciam seu caráter mutável, mas também transformador, despertando novas formas de trânsito, evidenciando seus usos como produção e prática social, em um diálogo constante com a paisagem urbana.

Argumenta-se que quando as iniciativas promovidas nas redes digitais se vinculam com atividades como passeatas e debates, podemos verificar outros aspectos importantes da mobilização social, a solidariedade e a confraternização ligadas às ações políticas coletivas. Os cartazes colados nos muros, no mobiliário urbano, nos tapumes, são então expostos a um público em condições muito heterogêneas, sem que necessariamente estivessem esperando aquelas mensagens ou provocações.

No início do artigo foi mencionado que os cartazes de caráter contestatório são parte importante da história deste tipo de artefato gráfico. Se é possível identificarmos ressonâncias com práticas anteriores, é também necessário destacar suas especificidades, o momento específico da pandemia, do Brasil, das características das políticas e do discurso público, das tecnologias que estão à disposição. Histórico, portanto, circunstanciado, localizado.

Conforme Burke (2004, p.99), em uma reflexão sob um viés historiográfico, as “Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns”. Ao utilizar este tipo de material para dar visibilidade às discussões nas ruas, colados muitas vezes em espaços irregulares,

podemos identificar esse tipo de produção como constituintes do espaço público, como uma parte das negociações e debates da sociedade. Ao exporem perspectivas alternativas ou antagônicas aos discursos oficiais vigentes, sobre a importância da vacina ou dos direitos reprodutivos e sexuais, apontam a presença e a complexidade dos interesses e demandas da sociedade, o desejo de mudança e transformação.

Durante o período de distanciamento social, as manifestações de rua foram, aparentemente, mais esporádicas e com menor participação popular. Mesmo assim, com todas as restrições, argumenta-se que a mobilização social continuou ativa, mesmo fora dos meios digitais, com todas as limitações da pandemia. Destaco a luta pela manutenção das leis, direitos e regras de demarcação de terras indígenas e a problematização da condução das políticas públicas na área da educação. Não se pretende afirmar que os cartazes são evidências definitivas desse argumento, mas nele encontramos indícios das negociações e resistências, constituindo uma parte visível da diversidade de posicionamentos políticos e ações de mobilização no espaço urbano.

Portanto, a produção desses pequenos cartazes, vinculada aos debates públicos, reforça a percepção da natureza política das práticas e dos artefatos ligados ao design.

Referências

AGÊNCIA SENADO. Representante da Pfizer confirma: governo não respondeu às ofertas feitas em agosto de 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/13/representante-da-pfizer-confirma-governo-nao-respondeu-ofertas-feitas-em-agosto-de-2020>> Acesso em 09 de abril de 2022.

BARNICOAT, John. **Los carteles**. Su historia y lenguaje. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

BASURAS. **Chamada aberta, direito de decidir**. Brasil, 01 set. 2021. Instagram: @basurasss. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CTSHGrgF9Jh/>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

COLETIVO SUBVERTA. **Subverta**. Disponível em: <<https://subverta.org/>> Acesso em 09 Abril 2022.

CONSELHO EXECUTIVO DAS NORMAS-PADRÃO. CENP. **Relatório 2020**. Disponível em: <<https://cenp.com.br/cenp-meios?id=18>>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

De CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988

GALINDO, Eryka; TEIXEIRA, Marco Antonio; DE ARAÚJO, Melissa; MOTTA, Renata; Pessoa, Milene; MENDES, Larissa; RENNÓ, Lúcio. **Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil**. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/relatorio%20pesquisa%20Berlim%20UFMG.pdf>> Acesso em 06 março de 2022.

HOLLIS, Richard. **Design gráfico**. Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. 2020. **Pesquisa de orçamentos familiares: 2017-2018: análise da segurança alimentar no Brasil.** IBGE. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101749>> Acesso em 09 abril de 2022.

LAMBESBRASIL. **Estar na rua ocupando é resistência.** Entrevista com Bea Lake. 07 maio 2021. Disponível em: <<https://www.lambesbrasil.com.br/post/bea-lake-pr>> Acesso em: 14 nov. 2021.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do Design gráfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOLES, Abraham. **O Cartaz.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Diminuindo diferenças: a prática das políticas sobre determinantes sociais da saúde:** documento de discussão. Rio de Janeiro: OMS; 2011. Disponível em <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/Documento-Tecnico-da-Conferencia-vers%C3%A3o-final.pdf>> Acesso em 03 de abril de 2022.

OUR WORLD IN DATA. **Covid Deaths.** Disponível em <<https://ourworldindata.org/covid-deaths>> Acesso em 09 abril de 2022.

PREFEITURA DE CURITIBA. Saúde vacina nascidos em 2002 e de 1 de janeiro a 8 de setembro de 2003. Postado em 03 de setembro de 2021. <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/saude-vacina-nascidos-em-2002-e-de-1-de-janeiro-a-8-de-setembro-de-2003/60457>> Acesso em 03 de abril de 2022.

RASANATHAN, Kumanan; MONTESINOS, Eugenio; MATHESON, Donald; ETIENNE, Carissa & Evans, Tim. (2009). Primary health care and the social determinants of health: Essential and complementary approaches for reducing inequities in health. **Journal of epidemiology and community health.** 65. 656-60. 10.1136/jech.2009.093914. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/40027034_Primary_health_care_and_the_social_determinants_of_health_Essential_and_complementary_approaches_for_reducing_inequities_in_health> Acesso em 03 de abril de 2022.

SANTOS, Ricardo Ventura; PONTES, Ana Lucia; COIMBRA, Carlos E. A. Um “fato social total”: COVID-19 e povos indígenas no Brasil.

Cadernos de Saúde Pública [online]. 2020, v. 36, n. 10 , e00268220. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00268220>>. Epub 02 Out 2020. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00268220>. Acesso em 09 Abril 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENADO FEDERAL. **Relatório final da CPI da Pandemia**. Disponível em <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>> Acesso em 03 de abril de 2022.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**. São Paulo: Unesp, 2018.

SILVA, Simone Affonso da Silva. **A Pandemia de Covid-19 no Brasil: a pobreza e a vulnerabilidade social como determinantes sociais**. Confins [online], 2021, n 52. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/confins.40687>> Acesso em 09 abril de 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Portal SBPC, 2021. Corte de recursos na Capes ameaça pós-graduação no Brasil. Publicado em 30 de novembro de 2021. Disponível em <<http://portal.sbpnet.org.br/noticias/corte-de-recursos-na-capes-ameaca-pos-graduacao-no-brasil/>> Acesso em 03 de abril de 2022.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Contexto, 2008.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. UBES. **Guia: Saiba como participar da Jornada de Lutas “Vida, Pão, Vacina & Educação”**. Postagem de 25 de março de 2021. Disponível em: <<https://ubes.org.br/2021/participe-da-jornada-2021/>> Acesso em 10 de abril de 2022.

Como referenciar

FUKUSHIMA, Kando. Saúde pública em debate: cartazes de protesto e espaço urbano. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 175-196, jul./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.73221>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 07/02/2023 | Aceito em 04/05/2023